

PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE O TRAUMA NO FILME “AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL”

PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE ON TRAUMA IN THE FILM “THE PERKS OF BEING A WALLFLOWER”

PERSPECTIVA PSICOANALÍTICA SOBRE EL TRAUMA EN LA PELÍCULA “LAS VENTAJAS DE SER INVISIBLE”

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-149>

Data de submissão: 14/11/2025

Data de publicação: 14/12/2025

Camila Sakamoto Juvêncio

Bacharela em Psicologia

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: camilasakamoto@alumni.usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-2172-0916>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7607653038123812>

Gabriel Sanches Olegário Pereira

Bacharel em Psicologia

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: gabrielsop@alumni.usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0508-728X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1359614197049898>

Fernanda Kimie Tavares Mishima

Doutora em Psicologia

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: fktmishima@ffclrp.usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1731-149X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1997808096936784>

RESUMO

Situações traumáticas geram impactos profundos na saúde mental de um indivíduo. Dentre elas, casos de abuso sexual na infância apresentam efeitos substanciais sobre a subjetividade da pessoa que sofreu a agressão. Mesmo assim, tais violências se destacam por altas taxas de ocorrência, mas uma elevada subnotificação e incipiente visibilidade na sociedade. Acerca da temática, a psicanálise aparece com importantes contribuições para refletir sobre os impactos no psiquismo humano e a formulação de ações de cuidado com crianças e adolescentes que passaram por essas experiências. Em meio aos autores psicanalíticos, Sándor Ferenczi, inova com sua proposta da teoria do trauma, na qual o caracteriza como sendo um fenômeno relacional, enquanto Melanie Klein cria uma teoria que descreve estruturas e processos psíquicos pelos quais a subjetividade humana é construída e transformada ao longo da vida de um indivíduo desde o seu nascimento. A partir dessas teorias, torna-se possível refletir sobre as consequências traumáticas decorrentes do abuso sexual infantil e os desdobramentos no desenvolvimento do sujeito. Para ilustrar tais questões, este artigo propõe-se a analisar, sob o viés da psicanálise, o enredo do protagonista do filme “As vantagens de ser invisível” (2012), Charlie, que vivenciou episódios de abuso sexual em sua infância. Assim, objetiva-se utilizar

uma obra ficcional para apontar possíveis repercussões psíquicas do trauma infantil e o processo gradual do contato do personagem com essas experiências traumáticas.

Palavras-chave: Psicanálise. Trauma. Abuso Sexual. Sándor Ferenczi. Melanie Klein.

ABSTRACT

Traumatic situations generate profound impacts on an individual's mental health. Among them, cases of childhood sexual abuse present substantial effects on the subjectivity of the person who suffered the aggression. Even so, such forms of violence stand out due to their high rates of occurrence, yet significant underreporting and limited visibility in society. Regarding this issue, psychoanalysis offers important contributions for reflecting on the impacts on human psychism and the development of care practices for children and adolescents who have gone through these experiences. Among psychoanalytic authors, Sándor Ferenczi introduces innovations with his trauma theory, in which he characterizes trauma as a relational phenomenon, while Melanie Klein creates a theory that describes the psychic structures and processes through which human subjectivity is constructed and transformed over the course of an individual's life from birth onward. Based on these theories, it becomes possible to reflect on the traumatic consequences resulting from childhood sexual abuse and its implications for the subject's development. To illustrate these issues, this article proposes to analyze, from a psychoanalytic perspective, the protagonist of the film 'The Perks of Being a Wallflower' (2012), Charlie, who experienced episodes of sexual abuse during his childhood. Thus, the objective is to use a fictional work to highlight possible psychic repercussions of childhood trauma and the gradual process through which the character comes into contact with these traumatic experiences.

Keywords: Psychoanalysis. Trauma. Sexual Abuse. Mourning. Sándor Ferenczi. Melanie Klein.

RESUMEN

Las situaciones traumáticas generan consecuencias profundas para la salud mental y, según el psicoanálisis ferencziano, se caracterizan por la superación de la capacidad de simbolización. En casos de abuso sexual infantil, Ferenczi describe la ocurrencia del proceso de escisión, mediante el cual la personalidad del niño se divide para protegerse. Al examinar la relación del individuo con el mundo y con los objetos externos, Melanie Klein teoriza las posiciones esquizoparanoide y depresiva, que corresponden, respectivamente, a modos escindido e integrado de percepción de los objetos. Estas formulaciones permiten reflexionar sobre las consecuencias traumáticas derivadas del abuso sexual infantil y sobre sus desarrollos en etapas posteriores de la vida, como la adolescencia, especialmente si se considera la subnotificación de este tipo de violencia. El presente artículo se propone, así, analizar, desde la perspectiva del psicoanálisis, al protagonista de la película "Las ventajas de ser invisible", Charlie, víctima de violencia sexual perpetrada por su tía durante la infancia, cuyas repercusiones se extienden de manera significativa hasta la adolescencia. A partir del vínculo establecido con un nuevo grupo de amigos y de la construcción de una parte no abusada de sí mismo, el adolescente, a pesar del sufrimiento, se vuelve capaz de entrar en contacto con su parte abusada, iniciando un proceso más saludable de elaboración del trauma vivido.

Palabras clave: Psicoanálisis. Trauma. Abuso Sexual. Duelo. Sándor Ferenczi. Melanie Klein.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra crianças e adolescentes é caracterizada como um fenômeno de alta complexidade, com aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos e econômicos, que são ainda fortemente influenciados por uma subnotificação de casos, levando a uma incipiente visibilidade e elevada impunidade (Ministério dos Direitos Humanos, 2018). Dentre as classificações acerca da violência a essas faixas etárias, a mais usual elenca como formas possíveis a negligência, a violência física, a psicológica e a sexual (Ministério dos Direitos Humanos, 2018).

Em relação à violência sexual infantil, estima-se que apenas 8,5% dos casos foram denunciados às autoridades policiais no Brasil, sendo reportados 164.199 ocorrências de estupros contra jovens de até 19 anos no país, entre os anos de 2021 e 2023 (Unicef, 2024). Porém, é importante ressaltar que são vários os atos de violência sexual que podem ser cometidos contra crianças e adolescentes, como os de forma sensorial (presença de performance sexualizada que causa constrangimento à criança), ou por meio de toques físicos ou carícias, tentativas de violação ou penetração oral, anal e genital (Azevedo, 2001; Ministério dos Direitos Humanos, 2018).

Em situações de abuso sexual sofrido por crianças e adolescentes, Faleiros (2003) afirma que essa violência se relaciona com a dinâmica de poder dentro de um grupo (por exemplo, a família), impondo ao outro algum tipo de dominação - neste caso, o domínio sobre a criança por meio do abuso - em que há um contexto de sedução para que o abusador mantenha o poder sobre o abusado. Ainda de acordo com o autor, impõe-se à vítima um contexto de submissão e quem sofre com a violência permanece em um lugar de passividade, com pouca ou nenhuma condição de resistir ou de dizer não, podendo ser estabelecido um trauma. Nessas situações, é bastante comum que o agressor tenha a crença de que a criança irá se esquecer da violência pela qual passou, levando-se da inocência e incipiente compreensão infantil do ato (Ferenczi, 2011). Desta forma, a violência sexual de crianças e adolescentes não apenas vem a representar danos físicos e sociais, mas também pode apresentar sérios sofrimentos sobre o psiquismo do indivíduo agredido, com efeitos prolongados sobre sua subjetividade.

Tendo isso em vista, propostas psicanalíticas aparecem como importantes contribuições para pensar acerca de tais impactos. Primeiramente, a teoria de Melanie Klein trouxe importante expansão no pensamento psicanalítico, não apenas no que tange o atendimento de crianças, mas também nas inovações propostas em seu enfoque sobre um excesso de violência pulsional e da agressividade desde os primórdios da vida humana, bem como dos efeitos para a estruturação do psiquismo do sujeito (Cintra; Figueiredo, 2010). Para ela, há estruturas psíquicas atuando de maneira bastante precoce no indivíduo, havendo constantes ansiedades e fantasias inconscientes no bebê desde o seu

nascimento, derivadas de fontes externas e internas (Cintra; Figueiredo, 2010; Klein, 2023a).

Sobre processos psíquicos internos, destacam-se os mecanismos de projeção e introjeção, que se apresentam ao longo de toda a vida do sujeito (Klein, 2023a). Esses constituem processos primordiais para as atividades do ego rudimentar do bebê, que, inicialmente, ainda não se encontra integrado, além de serem mecanismos reguladores - tanto do prazer quanto do desprazer - do aparelho psíquico (Cintra; Figueiredo, 2010). A projeção se refere ao processo em que um indivíduo coloca os próprios sentimentos, desejos e qualidades de diversas categorias, com destaque aos relacionados ao amor e ao ódio, nos objetos externos (Laplanche; Pontalis, 2001; Klein, 2023a). Já a introjeção, por sua vez, refere-se ao modo como os objetos e o mundo externos não são experienciados meramente como situações que ocorrem fora do sujeito, mas são introduzidos e incorporados ao ego, sendo, dessa maneira, assimilados à vida psíquica (Klein, 2023a).

Perante um objeto, o sujeito pode funcionar em duas posições diferentes, constituídas por tipos marcantes de ansiedade, relações objetais e mecanismos de defesa: a esquizo-paranóide e a depressiva. E, embora nas obras de Klein seja dado destaque a tais posições na tenra infância, elas não se restringem a esse período, alternando-se ao longo de toda a vida do indivíduo, representando um importante constituinte de sua saúde mental (Cintra; Figueiredo, 2010).

A posição esquizo-paranóide é caracterizada pela existência de um intenso medo de ser aniquilado, associado à ansiedade persecutória, proveniente do medo de ser perseguido pelas partes dos objetos às quais foram direcionadas as fantasias sádicas (Cintra; Figueiredo, 2010; Klein, 2023a). Nesse momento, segundo Caropreso (2015) e Petot (1991, apud Caropreso, 2015), o sadismo influencia o modo como a pessoa introjeta os estímulos do mundo externo, tido como ameaça constante. Por outro lado, a projeção aos objetos externos também é marcada pelo sadismo e pela ansiedade persecutória, já que a voracidade fantasiada é projetada aos objetos, havendo temor de sofrer da mesma voracidade direcionada, com um perigo fantasiado de ser destruído (Klein, 2023a). Mesmo assim, vale ressaltar que experiências de amor e gratificação auxiliam na diminuição da ansiedade persecutória (Klein, 2023a). Klein (2023a), na formulação de sua teoria, faz a explanação a partir da interação do bebê com o seio materno, dividido em dois, o bom e o mau, em que o primeiro seria gratificador e facilitador das projeções dos impulsos de amor, enquanto o segundo seria persecutório e favorecedor das projeções de impulsos destrutivos e odiosos. Dessa maneira, a cisão objetal é uma das principais características da posição esquizo-paranóide, havendo um perseguidor e um apaziguador (Laplanche; Pontalis, 2001), um mecanismo de defesa arcaico e poderoso do Eu. Nessa posição, o objeto tido como mau é extremamente aterrorizante, enquanto o bom é visto como perfeito, por ser sempre gratificador (Klein, 2023a).

Assim, o objeto bom é idealizado e visto como fundamental para defender o indivíduo das pulsões destrutivas da parte má do objeto cindido persecutório, constituindo uma forma de defesa contra a ansiedade, levando, ainda, à fantasia de destruição e à eliminação de objetos e situações geradoras de frustração, ansiedade ou qualquer sensação tida como negativa para o ego (Laplanche; Pontalis, 2001; Klein, 2023a). Dessa forma, estímulos associados ao medo persecutório intensificam mecanismos de defesa esquizóides, em que a capacidade egóica de lidar com a ansiedade é influenciada tanto pelo ambiente externo, quanto por um fator constitucional de cada indivíduo, relacionado à capacidade própria em lidar com situações estressoras (Klein, 2023a). Portanto, a dinâmica envolvendo projeção, introjeção e reintrojeção em torno dos objetos parciais é essencial para as relações objetais e a integração gradativa egóica, intensificadora da ansiedade persecutória, ao ser permeada de sensações destrutivas, quando diante de sentimentos bons, que reduzem essa ansiedade (Klein, 2023a).

Quando a ansiedade persecutória apresenta menor intensidade, todavia, a cisão ocorre de maneira mais atenuada, o que influencia na capacidade do ego em sintetizar os sentimentos de amor e os impulsos de destruição a um único objeto. A síntese de sentimentos em um mesmo objeto, então, vai se tornando mais duradoura, levando a uma maior integração do ego. Nesse sentido, quando o ego suporta melhor a ansiedade, há mudanças nos mecanismos de defesa utilizados e nas relações objetais, levando à ansiedade depressiva, característica da posição de mesmo nome (Klein, 2023a).

Em relação à posição depressiva, Klein (2023a) afirma que há mudanças no modo de relacionar-se com o mundo e com as pessoas, ou seja, com os objetos, devido à maior integração. Os objetos internos e externos se constituem como objetos completos ou totais, considerando todos os aspectos contrastantes existentes (como o bom e o mau, os amados e os odiados), havendo redução da discrepância entre os mundos interno e externo, dada a maior integração do ego (Klein, 2023a). Dessa maneira, há tendência de redução dos impulsos destrutivos egóicos, tidos como grande perigo para os objetos de amor, ou seja, o indivíduo teme a própria voracidade incontrolável que ameaça as pessoas amadas (Klein, 2023a). Há o reconhecimento do objeto como algo a ser preservado e que não pode ser perdido, levando ao medo da morte ou desaparecimento do objeto amado, destacando a ansiedade depressiva, marcada por um sentimento de culpa pela própria agressividade direcionada ao objeto (Cintra; Figueiredo, 2010).

Ao sentir grande culpa pelo dano que pode ter causado ao objeto amado, através de fantasias e impulsos, o sujeito apresenta o desejo de reparação ou de trazer à vida o objeto, o que, por sua vez, terá um papel importante na defesa contra a ansiedade depressiva (Klein, 2023a). Existe, também, maior capacidade do ego de lidar com a ansiedade, apresentando defesas que visam anular os ataques

sádicos e também a culpa de ter danificado a integridade dos objetos atacados (Cintra; Figueiredo, 2010). Como, por exemplo, as defesas maníacas, usadas para proteção do ego, para diminuir o sofrimento e a ameaça; a relação defensiva é caracterizada como controle, triunfo e desprezo, sentimentos direcionados ao objeto: o controle para negar a dependência, o triunfo para negar a valorização, assim como o desprezo, que diminui a experiência de perda e culpa (Segal, 2025).

À medida em que cresce, progressivamente, a confiança nos objetos e também nas capacidades de reparação, são fortalecidas as bases de um desenvolvimento considerado saudável, pautado no fortalecimento de um ego mais coeso, no incremento das relações interpessoais, em uma maior percepção da realidade e no estabelecimento firme de objetos internos bons (Klein, 2023a). Além disso, ao conseguir apresentar uma percepção da realidade, o indivíduo distingue de maneira mais adequada as frustrações provenientes do mundo externo e aquelas derivadas de fantasias internas, levando a uma menor sensação de culpa e a uma percepção mais realista para lidar com a própria agressividade (Klein, 2023a). Tal processo é característico do desenvolvimento emocional, que parte da cisão para integração, com funcionamentos que alternam, mas têm como base o fortalecimento do ego e o contato com a realidade.

Associado à posição depressiva, mas também presente durante a trajetória de vida do indivíduo, destaca-se o luto (Klein, 2023b). Para Klein, desde o início da vida, o ser humano passa por experiências de luto e de perdas, como, por exemplo, no desmame, que desperta o luto pelo seio da mãe e por tudo o que ele representava para o bebê (Cintra; Figueiredo, 2010). O processo de elaboração demanda uma reinstalação do objeto bom perdido, o que é de grande dificuldade, tendo em vista que, nesses episódios, há o medo de perder os objetos bons internalizados, o que tende a levar o indivíduo a uma sensação de persecutoriedade e de abandono. Assim, o processo do luto poderia apresentar momentos de negação da dor da perda, o que está relacionado a defesas maníacas e que podem levar a um sentimento de triunfo diante do objeto perdido. Por outro lado, também é possível a idealização de uma pessoa que se foi, seja para diminuir o potencial de periculosidade dela, ou, ainda, aumentar os bons sentimentos do sujeito em relação a ela, o que pode auxiliar na aceitação da perda e na incorporação do objeto perdido no ego (Cintra; Figueiredo, 2010).

Nesse sentido, diante do luto na perspectiva kleiniana, o sujeito se depara com uma necessidade dolorosa de reparar o mundo interno, levando-o a reeditar todos os outros processos de luto pelos quais passou anteriormente e a reativar a posição depressiva arcaica vivenciada na primeira infância (Cintra; Figueiredo, 2010). Assim, a elaboração do luto depende do estabelecimento de objetos bons no mundo interno do sujeito, sendo que, conseguir fazê-lo durante o início da infância, principalmente, através da introjeção e incorporação de figuras importantes (os cuidadores, por

exemplo), seria fundamental para que o sujeito se sentir mais seguro consigo mesmo, para que se torne capaz de lidar com as inevitáveis perdas que se seguirão ao longo de toda a sua vida (Cintra; Figueiredo, 2010).

Desse modo, é possível notar a importância na teoria kleiniana dos processos psíquicos internos no processo de subjetivação, com ênfase nos construtos de projeção e introjeção, bem como a sua indissociável conexão com aspectos externos que são incorporados pelo sujeito e que possuem efeito na estruturação do psiquismo humano.

Contudo, é com Sándor Ferenczi, discípulo de Freud e analista de Klein, que o papel do ambiente e das relações interpessoais parece ganhar maior ênfase dentre os autores pioneiros da Psicanálise. Este autor húngaro, cujo histórico é caracterizado por forte engajamento político e social, com cuidadoso trabalho com crianças que passaram por violências por parte de adultos, destaca-se ao propor uma nova teoria da traumatogênese (Kupermann, 2022), ampliando a leitura freudiana sobre o trauma, originado no campo intersubjetivo e relacional. Para Ferenczi, o trauma constitui um fenômeno que ocorre a partir de um evento externo que gera um excesso irrepresentável ao sujeito, impactando de forma intensa o aparelho psíquico, que não é capaz de simbolizar esse choque traumático (Ferenczi, 2011; Kupermann, 2022). No caso de agressão sexual de uma criança por um adulto que por ela é amado, tal agressão leva a uma dor irrepresentável, diante da qual o psiquismo infantil faz tentativas de simbolização, buscando um segundo adulto de sua confiança, diferente do agressor, que possa realizar o papel de nomear aquilo que lhe é indizível e que servirá de testemunha da violência sofrida (Kupermann, 2022).

Portanto, Ferenczi inova ao afirmar que o trauma não se configura nesse primeiro encontro de choque, mas apenas num segundo momento a posteriori ao episódio, quando o infante, ao buscar uma validação dessa experiência excessiva por parte de outro, que deveria agir como uma espécie de testemunha, não o faz (Kupermann, 2022). Assim, o verdadeiro cunho traumático de uma vivência apenas se dá posteriormente, em que não apenas o sofrimento é recebido com descrédito por um terceiro, como a sua própria condição subjetiva também não é reconhecida (Ferenczi, 2011; Gondar, 2012; Kupermann, 2022). Para tal movimento, o autor cunha o conceito em alemão de *Verleugnung*, que, em português, pode ser traduzido como o desmentido (Kupermann, 2022).

Ferenczi destaca como crianças que passam por violência sexual costumam apresentar marcas significativas no psiquismo, podendo gerar, por exemplo, uma clivagem em sua personalidade, que se divide em uma parte sensível, que se encontra destruída, e em outra, que tudo sabe, mas nada sente (Ferenczi, 2011). Se Melanie Klein ressalta a clivagem como um mecanismo de defesa própria da posição esquizoparanóide, Ferenczi propõe o construto de autoclivagem narcísica, mecanismo que,

diante de um perigo iminente, um fragmento do sujeito se cinde como que para acudir a si mesmo, algo que pode ocorrer desde os primeiros anos da infância (Ferenczi, 2011). A subjetividade clivada, então, na perspectiva ferenciana, é marcada por um sujeito com pouca capacidade de se afirmar em eventos de angústia que demandem de seu aparelho psíquico competências para um trabalho de luto e para a ressignificação dos objetos e de si mesmo (Kupermann, 2022).

Ferenczi (2011) pontua que, na situação de agressão, há dificuldade de entendimento por parte da criança sobre o que lhe aconteceu, existindo múltiplos sentimentos concomitantes, como o ódio e a aversão. Porém, devido à sua imaturidade desenvolvimental para lidar com questões tão profundas, ela também pode vivenciar a identificação com o agressor, derivada de um movimento de introjeção em que essa figura pode ser incorporada ao psiquismo infantil de uma maneira positiva (Ferenczi, 2011). Nesse movimento em que o agressor passa a ser idealizado pela criança, em uma situação alucinatória, torna-se possível que o agressor pareça deixar de existir enquanto algo externo à criança, tornando-se intrapsíquico (Ferenczi, 2011). Deste modo, em situações de traumas sexuais, a criança poderá recorrer à identificação com seu agressor, introjetando tal ameaça externa, o que para ela tornaria possível, ainda que imaginariamente, o controle da situação anterior à agressão (Kupermann, 2022). Contudo, consequentemente, esse movimento também leva à desautorização de suas percepções acerca da violência sofrida, em uma espécie de alienação do próprio sofrimento desencadeado pela experiência traumática (Ferenczi, 2011; Kupermann, 2022). Ao identificar-se com o agressor, a criança se depara com a desconfiança de seus sentidos e a prevalência do desmentido, resultando na incorporação do sentimento de culpa que pertencia, inicialmente, ao adulto agressor (Kupermann, 2022).

Após a experiência traumática, lidar com esse sofrimento não é um processo simples para a criança, uma vez que ele nem sempre será perceptível ou verbalizado (Alvarez, 2020). Os silêncios se fazem comuns em situações de violências, notadamente dentro de um grupo familiar quando há algum tipo de dependência, como a emocional, frente ao agressor, o que torna a violência sexual ainda mais difícil de ser reconhecida, além de também ser possível a existência de um sentimento afetivo e amoroso em relação à pessoa que abusa (Azevedo, 2001; Alvarez, 2020). Com isso, o processo de entrar em contato com o trauma é, em geral, delicada e lenta, uma vez que a identificação de uma situação de abuso pelo indivíduo abusado pode acontecer quando ele entra em contato com uma situação de não-abuso, tendo o contraste de situações, permitindo com que sentimentos de valorização, respeito e cuidado em relação a si mesmo existam e prosperem (Alvarez, 2020).

Alvarez (2020) sugere, ainda, que, no processo gradual de contato com a experiência de um abuso sexual, deva haver respeito à história da criança e ao tempo com que ela se permite e consegue

entrar em contato com esse aspecto tão sofrido de sua história. De acordo com a autora, diante desse tipo de trauma, uma criança pode se mostrar tão fragmentada psiquicamente, que o próprio episódio de agressão também pode se mostrar para ela dividido, podendo a criança entrar em contato com cada um desses fragmentos em momentos diferentes (Alvarez, 2020). O movimento de integração dessas diversas partes deve acontecer em um ritmo tolerável e respeitoso ao tempo da criança, em que pode operar por um período a necessidade de se esquecer da violência sofrida, para poder, então, se lembrar (Alvarez, 2020). Portanto, a tentativa de apressar esse processo pode ser prejudicial no processo analítico, com risco de retraumatizar a vítima.

Dessa maneira, é possível perceber a grande importância da discussão de um tema como o abuso sexual infantil e as consequências traumáticas desencadeadas nessas crianças, sobretudo, pela subnotificação e a negligência de cuidados existentes, em que as pessoas abusadas seguem, muitas vezes, desamparadas. As ideias psicanalíticas kleiniana e ferenciana fornecem um amplo aparato teórico para o estudo do desenvolvimento humano e a construção de subjetividade, para o entendimento de situações traumáticas infantis e as consequências para a saúde psíquica de um sujeito, por exemplo, pensando nos movimentos entre as posições esquizo-paranóide e depressiva, nos mecanismos de defesa como a clivagem e no conceito do desmentido. O presente artigo, portanto, busca refletir, principalmente, a partir da teoria desses autores, no tema do abuso sexual infantil a partir da ilustração presente no enredo do personagem Charlie, protagonista do filme “As vantagens de ser invisível” (2012), que vivenciou uma agressão sexual intrafamiliar em sua infância, aos 7 anos de idade.

2 APRESENTAÇÃO DO FILME

O filme “As vantagens de ser invisível”, lançado em 2012 e dirigido por Stephen Chbosky, é baseado no livro de mesmo nome, escrito pelo diretor e publicado em 1999. A obra aborda a história de Charlie, um tímido e retraído adolescente no início do primeiro ano do Ensino Médio. O jovem é solitário, e acabara de voltar de uma internação psiquiátrica, presumidamente, decorrente de um intenso sofrimento psíquico após o recente suicídio do melhor (e único) amigo. Ao longo do filme, Charlie redige cartas para um “amigo imaginário” não identificado, mas para quem narra todos os seus pensamentos e emoções, incluindo conteúdos pessoais que não tinham sido compartilhados com mais ninguém. Também é citada a importância de Helen, tia do garoto, que Charlie considera como sendo “a melhor pessoa do mundo” e que falecera em um acidente de carro no dia do aniversário de 7 anos do protagonista.

No primeiro dia de aula, Charlie anseia por agir de maneira diferente de como costumava

anteriormente, desejoso por novas amizades. Todavia, frustra-se, permanecendo isolado e retraído, mas fica admirado por um aluno mais velho, bastante extrovertido, chamado Patrick. As mudanças do protagonista só se iniciam dias depois, em um jogo de futebol americano de sua escola, quando ele se aproxima de Patrick e de sua meio-irmã, Sam. Posteriormente, Charlie será incluído no grupo de amigos dos dois. A partir disso, o protagonista vive novas situações e emoções, como festas e relacionamentos amorosos. Inclusive, é por Sam que o adolescente passa a se apaixonar, ainda que encontre dificuldade de expressar seus sentimentos por ela.

Em meio a confusões com os próprios afetos e como sua forma de lidar com eles interfere em seus relacionamentos com os novos amigos, o protagonista se envolve em um namoro em que não queria estar, o qual termina de maneira conflituosa, quando, em uma cena, Charlie beija Sam, surpreendendo a todos. A partir disso, ele volta a um lugar de isolamento, com o grupo de amigos passando a evitá-lo; assim, passa a vivenciar uma intensa culpa pela situação e o luto pelo distanciamento do grupo. Com isso, um aparente trauma de Charlie começa a ser rememorado, em que ele passa a recordar-se de momentos vividos com Helen (sua tia) na infância, mas que são ilustrados em cenas de cortes abruptos e conteúdos confusos, que remetem a experiências de proximidade carinhosa entre tia e sobrinho, ao mesmo tempo em que sugerem haver um incômodo e pedaços de memórias não revelados.

Apesar de ocorrer uma reconciliação de Charlie com os amigos e também o início de um namoro com Sam, a vida psíquica de Charlie sofre grande abalo quando o ano letivo é finalizado, pois os dois irmãos se mudam de cidade após ingressarem na faculdade. Na cena do momento de despedida de Sam e Patrick, Charlie passa a ficar desnorteado, sendo invadido por memórias que remetem a um grande sofrimento psíquico para o adolescente, como a briga com os amigos e memórias com sua tia. Dentre elas, surge a lembrança de Helen tocando na perna de Charlie quando o protagonista era uma criança, enquanto a adulta pede que o garoto mantenha tal segredo, sugerindo, assim, a ocorrência de episódios de violência sexual.

Com tantas lembranças dolorosas, Charlie, em um momento desesperado e aos prantos, verbaliza, em uma ligação com a irmã, o quanto sente culpa pela morte da tia, pois talvez desejasse que ela realmente morresse. O filme, então, mostra mais algumas cenas curtas, em que a irmã aciona a polícia e Charlie é resgatado em casa enquanto olhava fixamente para uma faca, sugerindo a existência de pensamentos suicidas no garoto. Posteriormente, Charlie é mostrado em um atendimento com uma psiquiatra em uma instituição hospitalar, em que ele, finalmente, consegue verbalizar para alguém os abusos que sofreu por parte da tia. Nesse momento, confirma-se que tal violência, era, até então, desconhecida pelo restante da família. Em seguida, o filme dá um salto

temporal, com o adolescente já fora do hospital e com Sam e Patrick. Os três saem juntos, para um passeio de carro, como fizeram no dia em que se conheceram. Charlie, então, narra uma despedida do “amigo imaginário” para quem antes escrevia as cartas, afirmando não mais sentir que era apenas “uma história triste”, pois, agora, percebia-se vivo e estava ao lado das pessoas que mais amava, sentindo-se, assim, infinito.

3 DISCUSSÃO

No início do filme Charlie começa o ano letivo e, apesar de animado em um primeiro momento, frustra-se e declara ser a pior experiência de sua vida escolar. Mesmo empolgado para a aula de Literatura, mantém-se calado diante das perguntas do professor, apesar de saber as respostas. Esse silêncio parece relacionar-se ao receio em não conseguir novas amizades, além de considerar os episódios de bullying previamente sofridos por parte de outros alunos. Assim, o comportamento de Charlie parece condizente, nesse momento, com a presença de uma ansiedade persecutória, ou seja, com o sentimento de sentir-se perseguido pelos alunos, associado a experiências de desconforto e periculosidade. Ademais, é possível pensar em tal ansiedade sendo influenciada pela introjeção de objetos maus, derivada dos momentos de agressividade e menosprezo vividos na convivência com os demais estudantes, aumentando ainda mais os sentimentos e as fantasias persecutórias provenientes de seus medos de destruição do ego. Nesse processo de introjeção, também é fomentada em Charlie a presença de perseguidores internos, juntamente com a projeção de tais conteúdos desconfortáveis ao ambiente, em que os outros alunos são percebidos como objetos externos maus. Por isso, ao calar-se e não se expor, temendo retaliação externa, o protagonista demonstra preocupação em preservar o seu próprio ego diante do medo de aniquilamento, o qual indica a ocorrência de ansiedade persecutória, de acordo com a teoria kleiniana (Cintra; Figueiredo, 2010).

Dessa forma, ao sentir periculosidade a seu ego, Charlie se depara com fatores externos que estimulam medos persecutórios, o que, segundo Klein (2023a), leva a mecanismos de defesa esquizóides para tentar lidar com tal ansiedade, como, por exemplo, a cisão, com a separação entre bom e mau, expulsando de si o que lhe causa incômodo. Assim, nesse momento do filme, o protagonista continua isolado, evitando contato com as pessoas, que parecem representar predominantemente estímulos aversivos e perigosos. Consequentemente, há certo alívio imediato ao garoto, que, mesmo considerando a experiência do primeiro dia de aula ruim, aparenta conseguir lidar com a situação ao manter-se afastado dos demais. Essa cisão também pode ser notada diante da dificuldade inicial do protagonista em enxergar Patrick e Sam como objetos inteiros e dotados de ambivalências, tendo em vista o movimento de idealizá-los, em que eles representariam somente um

objeto bom. À medida em que a amizade com os irmãos vai se aprofundando, passa a existir a possibilidade de introjeção de objetos bons ao mundo interno de Charlie e, consequentemente, também de projeção desses conteúdos agradáveis à realidade externa.

Acerca da personagem Helen, comprehende-se o seu papel como agressora na ocorrência de episódios de abuso sexual direcionados a Charlie em sua infância, por volta de seus 7 anos de idade. Com o desenrolar da trama, é possível identificar os efeitos dessa violência sobre o psiquismo do protagonista ao longo dos anos, sugerindo que tal experiência se caracteriza por uma natureza traumática ao garoto. A partir de uma leitura da teoria de Ferenczi, pode-se afirmar que os eventos de violência sexual perpetrados por Helen ao sobrinho constituem um evento externo de caráter excessivo ao psiquismo de Charlie, que, quando criança, era ainda incapaz de simbolizá-lo por conta própria. Nesse sentido, é condizente pensar, também, conforme colocado por Alvarez (2020), em que um trauma complexo, tal qual um abuso sexual, pode permanecer oculto não só nas relações dentro de um grupo familiar, mas também para a própria pessoa violentada, sobretudo quando acontece na infância, cujas noções de abuso e de não-abuso ainda estão em construção. O aspecto do não-dito, em Charlie, também não é pensado, uma vez que a integração dessa parte de si acontece de maneira lenta ao longo de toda a história, pois, em uma situação traumática, uma parte do protagonista acaba atuando na tentativa de mantê-la silenciada, por exemplo, na reafirmação da tia enquanto a “melhor pessoa do mundo”. Tal caráter do irrepresentável da violência vivida parece adequadamente ilustrado no filme pelas cenas rápidas, de cortes abruptos e de conteúdo confuso ao espectador em que Helen aparece: há algo que aparenta ainda estar escondido, não explicitamente representado nas cenas, mas apartado sofregamente pelo protagonista.

Porém, ao final do filme, aquilo que parecia ter sido oculto nessas memórias aparece na cena em que o protagonista acrescenta às suas lembranças as ações de Helen que indicam o abuso sexual vivido por ele no passado. Além disso, ao considerar o caráter fundamental para a traumatogênese ferenciana do papel do testemunho, nota-se que Charlie não contou com a figura de um adulto de confiança a quem pôde narrar sua experiência de violência vivida com a tia, já que, além do silenciamento pedido por Helen, ninguém de seu núcleo familiar soube do ocorrido até o final da película. E, ainda que os demais familiares do garoto desconhecessem os episódios, não tendo deliberadamente negado o abuso sofrido por Charlie, nota-se a ausência de um terceiro que exercesse o papel de testemunha e que pudesse ofertar o reconhecimento da agressão vivida, portanto, sendo possível apontar a ocorrência do desmentido. Se, de acordo com Ferenczi (2011), o caráter traumático de uma experiência apenas ocorre em um momento posterior, marcado pela ausência do reconhecimento da agressão perpetrada, ao analisar o caso do protagonista, a violência sexual vivida

em sua infância configuraria, para ele, como um evento traumático.

Tal interpretação parece ser reforçada ao serem considerados os efeitos significativos dessa agressão sobre o psiquismo de Charlie ao longo do tempo, havendo elementos possíveis de serem lidos como indicativos de que o personagem passou por uma clivagem em sua personalidade. Afinal, diante de um perigo iminente, ao ocorrer a autoclivagem narcísica, a cisão da subjetividade da criança acontece para que essa parte fragmentada consiga ajudar a si mesma (Ferenczi, 2011). Assim, Charlie apresenta indícios dessa clivagem, tendo em vista as profundas dificuldades em lidar com vivências que lhes despertem angústias, as quais, quando aparecem, são sentidas como algo catastrófico pelo menino. Como exemplo, destaca-se como, tanto no início, quanto no final do filme, eventos que para ele remetem a um grande sofrimento psíquico, como, respectivamente, o suicídio do melhor amigo, e, em seguida, a mudança de Sam e Patrick, levam-no a um estado de desespero intenso, culminando, inclusive, em um profundo estado depressivo e até em pensamentos autodestrutivos, como o de tirar sua própria vida. Nessa segunda cena, ainda, em meio ao intenso sofrimento, o garoto se lembra, justamente, das memórias de abuso perpetrados pela tia, revelando aquilo que vinha sendo escondido ao longo de todo o filme. Com o destaque dado a tais lembranças, o enredo do filme reforça a continuidade na adolescência da presença das marcas da agressão sexual vivida por Charlie em sua infância, bem como o caráter traumático do evento em seu psiquismo. A resposta ao sofrimento é o silêncio, o abandono de si, o retraimento e a invisibilidade.

Ademais, como também proposto por Ferenczi, em casos de traumas sexuais na infância, como forma de tentar lidar com tamanha violência sofrida, a criança pode vir a introjetar a figura do agressor, de maneira a identificar-se com ele, já que, assim, pode, ainda que imaginariamente, deter certo controle sobre a situação (Kupermann, 2022). Porém, esse processo corrobora com a desconfiança do sujeito agredido de suas próprias percepções acerca do evento traumático, podendo aliená-lo de seus sofrimentos. Acrescido a isso, pode-se pensar, também, no fato de a violência sexual acontecer em um contexto em que também existe sentimentos positivos entre abusador e abusado, no qual o amor se mistura com o medo e a confusão (Ferenczi, 2011; Alvarez, 2020), como pode acontecer, por exemplo, dentro de um grupo familiar. Tais pontos se conectam com as ações de Charlie sobre Helen, em que a identificação é tamanha que ele se põe a afirmar que a tia era a “melhor pessoa do mundo”, apenas recordando-se, na maior parte do filme, de memórias agradáveis com ela, distanciando-as de elementos que o recordem do papel dela também como agressora. A forma, inclusive, com que algumas dessas reminiscências aparentam incompletude ao longo do filme, parecem ilustrar essa desconfiança do adolescente em seus próprios sentidos, perpetuando o desmentido. Consequentemente, a forte sensação de culpa verbalizada por Charlie em relação à tia,

indica também como, no movimento de identificação com o agressor, ele introjeta para si a suposta culpa que deveria ser sentida por Helen em cometer as agressões contra o sobrinho.

As contribuições kleinianas também fornecem uma interessante base para compreender o sentimento de culpa tão proeminente em Charlie. Ao final do filme, o protagonista declara ter se sentido culpado durante todos esses anos, considerando que havia, na verdade, possivelmente desejado a morte de Helen quando criança, o que acabou por ser cumprido diante do real falecimento da tia em um acidente de carro no momento em que ela estava levando ao menino o seu presente de aniversário. Com isso, o protagonista parece ter direcionado a agressividade, quando criança, à tia, mediante os casos de abusos realizados por ela. Entretanto, frente ao real dano do objeto externo, que desaparece da realidade diante da morte, um intenso sentimento de culpa foi suscitado no personagem (a crença de que sua fantasia de destruição foi consumada é avassaladora para o ego). Assim, ao desejar a morte de Helen, e essa, de fato, ocorrer, o objeto pareceu ter sido destruído de maneira irremediável, o que pode ter influenciado no aumento do sentimento de culpa de Charlie pelos ataques imaginários à tia.

Diante disso, Charlie aparentou ter, posteriormente, em suas fantasias, cindido o objeto total referente à tia, passando, consequentemente, a idealizá-la, enxergando-a apenas de acordo com o objeto bom introjetado e expulsando de si os aspectos ruins e incômodos, associados, nesse caso, à experiência abusiva vivida na infância, a qual é mantida oculta até o final do filme. Essa idealização pode ser vista ao longo do enredo, em que o protagonista, ao pensar na tia, caracteriza-a como a sua “pessoa preferida do mundo”, referindo-se a ela como uma mulher dotada apenas de aspectos positivos. Com isso, foi possível perceber, mais uma vez, como mecanismos de defesa, como a cisão, podem produzir alívio, mas que levam à inibição da capacidade de contar e elaborar a realidade psíquica do indivíduo (Cintra; Figueiredo, 2010). Portanto, infere-se que as dificuldades em lidar com as ansiedades persecutórias e depressivas acompanharam Charlie desde esses eventos da infância até a adolescência, sendo possível perceber significativa mudança na forma como elabora a realidade psíquica, quando, ao final da película, traz à consciência a idealização feita da figura da tia por tantos anos, reconhecendo os aspectos negativos de Helen.

Para que a situação traumática causada por violência sexual possa começar a ser elaborada, faz-se necessário que os diversos aspectos da situação sejam cuidados, para que possa haver a percepção dos sentimentos negativos em relação à figura por quem havia grande amor, para que o abuso possa ser significado e percebido em um ritmo próprio daquele que sofreu a violência (Alvarez, 2020). Nesse sentido, as vivências de Charlie mais saudáveis com o novo grupo de amigos e a relação amorosa e respeitosa construída com Sam levaram-no à possibilidade de construir, em si, um aspecto

não abusado, capaz de começar a entrar em contato, de maneira segura, com o aspecto abusado, para que o trauma fosse cuidado. Nesse sentido, é possível pensar que houve um tempo necessário existente para que esse processo acontecesse, uma vez que, tendo em vista os aspectos mais frágeis do personagem em momentos difíceis (como a reação citada frente ao suicídio do amigo que levou à internação e as dificuldades após o afastamento temporário dos amigos), entrar em contato sem a integração de seu aparelho psíquico (posição depressiva) poderia levar a uma nova fragmentação, a outra clivagem.

Ademais, como previamente citado, o mecanismo de defesa de cindir o objeto em bom e mau parece ter sido utilizado por Charlie também em relação aos amigos, Patrick e Sam, na primeira metade do filme. No início, o protagonista, não apenas cria expectativas de, finalmente, ter novos amigos, mas também os descreve sem mencionar quaisquer defeitos. Particularmente, sobre Sam, por quem Charlie nutre uma paixão secreta desde os primeiros encontros, ele parece idealizá-la, colocando-a em um patamar de perfeição. Com isso, o protagonista parece vê-la sob uma figura excessivamente boa, introjetando esses aspectos positivos por meio de um objeto bom interno, ao mesmo tempo em que projeta essas qualidades de volta à Sam. Em contraposição, expulsa de si aquilo que pode ser tido como mau quando se considera a garota, parecendo projetar, em outras figuras, os aspectos incômodos, algo similar ao que realizou com Helen (que era uma figura que ele nutria afeto). Destaca-se, ainda, que, em uma cena com Sam, Charlie parece reforçar essa interpretação comparativa, quando faz menção a pontos semelhantes da menina com sua tia, dizendo que Sam havia se tornado sua “pessoa preferida no mundo”.

Já na segunda metade do filme, Charlie parece demonstrar que, a partir da vivência com os novos amigos, a cisão entre bom e mau vai sendo minimizada, caminhando à ambivalência do objeto completo, condizente com elementos que caracterizam a posição depressiva. Em um dado momento, por exemplo, o protagonista começa a namorar outra garota do grupo, Mary Elizabeth, descrita por ele como “uma pessoa muito legal por detrás daquele seu jeito odioso”, citando comportamentos e características da garota das quais não gosta. Assim, o garoto parece considerá-la um objeto total, apontando integração e síntese, diante da qual Charlie vivencia concomitantemente o amor e o ódio. Afinal, mesmo declarando que não gostaria de continuar se relacionando com a garota, já que havia tentado apaixonar-se da maneira com que era ligado à Sam, mas não tinha conseguido, Charlie não encerrou o namoro por medo de magoar Mary, que, para ele, ainda era uma pessoa importante. Dessa forma, o menino parece demonstrar ansiedade depressiva, em que o ego tenta controlar seus impulsos a fim de evitar a frustração, impedir a agressão e o perigo aos objetos amados, como assinalado por Klein (2023a).

Entretanto, mesmo com tais tentativas de controlar seus impulsos, Charlie, em uma brincadeira com os amigos, beija Sam diante de Mary. A partir desse episódio, todos os amigos se afastam de Charlie, que, cartas ao “amigo imaginário”, comenta o sofrimento vivenciado com o distanciamento. Ao mesmo tempo, o protagonista faz ligações à ex-namorada, tentando desculpar-se, pedindo, angustiado, para que voltem a ser amigos, o que não é prontamente aceito. Assim, é possível considerar que Charlie está tentando reparar o objeto por ele danificado, o que está associado a sentimentos de culpa, o qual traz consigo, justamente, a necessidade de reparar, preservar e reviver o objeto amado danificado (Klein, 2023b).

Para fortalecer ainda mais essa interpretação, junto das cenas em que Charlie tenta reaproximar-se dos amigos, são apresentados, de maneira intercalada, rápidos flashbacks do protagonista ainda criança vendo Helen chorar, além do funeral dela (ele não era a vítima, mas sim a tia se colocava nessa posição, incutindo, mais uma vez, a culpa e a necessidade de que ela precisava ser cuidada - não o contrário). Com isso, pode-se inferir que a culpa e a tentativa de reparação do objeto danificado voltados à tia foram revividas pelo adolescente ao sentir que feriu também os amigos, por ele considerados como objetos amados. Dessa maneira, pode-se pensar que, nessa condição, Charlie projetava, frente a seus objetos de amor, aspectos negativos de si, tomado pelo sadismo egóico e pelos impulsos destrutivos, o que tinha como consequência a introjeção de objetos destruídos, os quais passavam a fomentar ainda mais a visão que o menino tinha de si como alguém potencialmente perigoso.

Ao longo da narrativa é possível identificar alguns episódios de perdas bastante significativas para Charlie. Primeiramente, de Helen, nota-se em declarações do garoto, que ele reconhece a morte da tia e sente falta dela, como quando diz que, se estivesse viva, “ela entenderia minha alegria e tristeza simultâneas”. Assim, na primeira metade do filme, percebe-se que o protagonista, como citado anteriormente, idealiza-a, o que, quando associado ao luto, também pode sugerir uma tentativa de diminuir ou anular a periculosidade que esse objeto perdido pode representar ao ego, tendo em vista que, posteriormente, descobre-se que ele sente culpa por considerar-se responsável pela morte dela. Outro processo de luto marcante vivido pelo protagonista foi o suicídio de Michael, seu melhor e único amigo no início do filme. Embora esse episódio seja superficialmente retratado na obra, identificam-se os impactos causados em Charlie com tal perda, pois a internação mencionada inicialmente, por motivos de saúde psíquica, ocorreu depois do evento. Além disso, em conversa com Sam, Charlie cita a morte de Michael, dizendo que o amigo, ao menos, “poderia ter deixado um bilhete”, enquanto apresenta expressões faciais que sugerem decepção e um pouco de raiva (ele se sentiu, mais uma vez, abandonado pelo objeto de amor). Charlie, nesse momento, demonstra

ressentimento do amigo morto, sentimento que, por sua vez, pode acabar por retardar um processo de luto, conforme colocam Cintra e Figueiredo (2010).

Entretanto, à medida em que o protagonista fortalece a amizade com Patrick, Sam e os demais colegas do grupo, é possível sugerir que, diante dessas experiências agradáveis, Charlie consegue reinstalar seus objetos bons internos e, com isso, reorganizar o mundo interno, que, em situações de luto, aparece ao indivíduo como destruído, despedaçado - como uma espécie de “caos absoluto” (Cintra; Figueiredo, 2010, p. 101). Nesse sentido, identificam-se, no personagem, consequências como intensa alegria e sentimento de renovação, o que costuma ser gerado através da recuperação do mundo interno do sujeito enlutado (Cintra; Figueiredo, 2010). Porém, acerca de Sam e Patrick, há um novo processo de luto, tanto quando eles se distanciam após o desentendimento do término conturbado do namoro de Charlie, como quando partem para a faculdade. Dessa maneira, nota-se como o luto pelos objetos amados não apenas ocorre diante de situações de falecimento de uma pessoa, mas também de outros tipos de perda, que convidam a diferentes processos de morte e de posterior renascimento, tão inerentes à transitoriedade da própria vida (Cintra; Figueiredo, 2010). Nesse primeiro episódio destacado, da briga com os amigos, Charlie demonstra o abalo de seu mundo interno com a visível tristeza e com declarações como “estou começando a ficar mal de novo” e “tem algo de errado comigo”. Já no segundo caso, da separação diante da mudança de cidade de Sam e Patrick, essa característica de “caos absoluto” do luto, conforme Cintra e Figueiredo (2010, p. 101) colocam, reaparece de maneira ainda mais intensa, tendo em vista a reação de desespero de Charlie, ligando à irmã e relembrando de episódios pretéritos de muito sofrimento, como a culpa pela morte da tia.

Ao considerar as reações de Charlie em relação aos lutos de destaque vivenciados no filme, é possível observar que, principalmente em momentos de perda significativa, a elaboração da posição depressiva infantil precisa ser recomeçada (Cintra; Figueiredo, 2010). E, nesse sentido, ao notar as dificuldades do adolescente no processo de elaboração de seus lutos, sugere-se que tal posição, em Charlie, não resultou no estabelecimento suficiente de objetos bons internos no início da infância, o que é tido como uma condição necessária para auxiliar na vivência das demais perdas que se mostram no decorrer da vida do indivíduo. As experiências negativas de abuso e, depois, a morte de Helen, impactaram profundamente o psiquismo infantil do protagonista, gerando confusão (amar ou odiar), medo e culpa excessiva.

Dessa forma, diante das perdas mais recentes de Charlie, infere-se que o garoto reeditou os processos de luto por ele antes vivenciados, o que torna compreensível a reação de intenso sofrimento. O protagonista, ao revisitar as próprias experiências de sofrimento anteriores repetidamente, ao fim,

pareceu conseguir apresentar o que Cintra e Figueiredo (2010) chamaram de novos insights e de novas posições diante de catástrofes vividas na infância. Afinal, o menino consegue compartilhar as experiências de agressão sexual, decorrentes dos abusos realizados pela tia, não apenas com a psiquiatra que o atende no hospital, mas também com os pais, que desconheciam tais episódios. Além disso, sugere-se que Charlie passa a conseguir admitir essas lembranças dolorosas a si mesmo, tendo em vista que, pela primeira vez no filme, consegue narrar em palavras o ocorrido, não mais idealizando a falecida tia, nem tendo a necessidade de ser invisível. Assim, ao final do filme, o adolescente é mostrado como tendo, aparentemente, avançado no processo de luto, conseguindo reinstalar seus objetos bons internos e reconstruir seu mundo interno, reaproximando-se da família e dos amigos, Sam e Patrick. O protagonista, então, aparenta ter conseguido retomar a capacidade de demonstrar interesse pelo mundo externo, o que, também de acordo com Cintra e Figueiredo (2010), é um dos indícios de um luto bem elaborado.

Ademais, considerando que Charlie apresenta uma aparente melhora após conseguir verbalizar a violência por ele vivida em sua infância à psiquiatra e também a seu núcleo familiar, interpreta-se que o adolescente conseguiu, finalmente, encontrar pessoas que exercessem o papel de testemunhas de suas vivências. Nesse processo, não apenas o adolescente desloca o caráter de desmentido perpetrado ao longo dos anos sobre tal evento traumático, como também passa a conseguir representar o que, até então, permanecia como irrepresentável. O protagonista não apenas se depara com o reconhecimento externo da agressão vivida, mas se mostra capaz de reconhecer suas experiências, voltando a confiar em suas percepções e desalienando-se do próprio sofrimento. Com isso, Charlie aparenta um maior contato entre os fragmentos de seu psiquismo cindido e caminhando para uma menor identificação com a figura de sua agressora.

Ainda, ao considerar que o descrédito que marca o desmentido leva não apenas à não validação perceptiva e afetiva da violência sofrida, mas também da própria condição de sujeito daquele que viveu o trauma (Gondar, 2012), pode-se afirmar que Charlie teve sua subjetividade reconhecida ao conseguir, enfim, testemunhas confiáveis de suas vivências. Os efeitos transformadores e reparadores do reconhecimento, indissociáveis de seus aspectos intersubjetivos e relacionais, podem ser evidenciados simbolicamente nas palavras finais de Charlie. O adolescente admite não ser “apenas uma história triste” e destacando sua felicidade, é possível perceber que Charlie recuperou a capacidade de amar e de confiar nos objetos, apresentando novas formas de encarar a vida, o que indica uma situação harmônica de seu ego e uma maior integração interna, que podem ser também ilustradas na declaração final de sentir-se “infinito”. Assim, ele passa a ter sua marca, sua presença de vida e de protagonista de sua própria história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência sexual infantil constitui uma questão complexa, que atinge um número preocupante de crianças e adolescentes, mas que continua sendo caracterizada por uma subnotificação de casos e com uma incipiente atenção por parte da sociedade. Esse tipo de agressão tem efeitos imensuráveis, e, dentre eles, é possível destacar o sofrimento psíquico duradouro e de caráter traumático sobre os sujeitos agredidos. O filme “As vantagens de ser invisível” (2012) apresenta em seu enredo um interessante material que parece convergir com teorias psicanalíticas que ajudam a refletir sobre os efeitos das vivências infantis na estruturação psíquica do sujeito, com destaque àquelas associadas a eventos traumáticos.

Na obra, ao ser observada a trajetória do adolescente Charlie, são destacados vários exemplos que orbitam em torno de suas dificuldades e sofrimentos psíquicos diante da construção e manutenção de suas relações interpessoais. Nisso, a teoria das relações objetais de Klein, que se destaca em seu pioneirismo acerca da psicanálise com crianças, proporciona elementos para pensar o funcionamento psíquico do protagonista. Por meio dessa perspectiva, é possível, então, perceber como o psiquismo humano se constitui a partir da influência que a realidade e objetos externos têm sobre ele, ilustrado no mecanismo de introjeção, bem como esses também são percebidos tendo como base a realidade e objetos internos do sujeito, movimento intrapsíquico representado pela projeção. Assim, nota-se que os mecanismos de introjeção e projeção têm um papel fundamental na constituição do aparelho psíquico, na regulação do prazer e do desprazer e na formulação de objetos internos (Cintra; Figueiredo, 2010). Tais pontos podem ser ilustrados nas mudanças na forma de agir de Charlie ao longo da trama, caminhando para uma menor dificuldade de relacionar-se com seus novos amigos, seus lutos e os traumas vividos, bem como uma maior facilidade em lidar consigo mesmo.

Um dos eventos centrais estabelecidos no enredo do protagonista gira em torno do trauma sexual vivido por Charlie em sua infância, em que uma de suas principais figuras afetivas, sua tia Helen, exerceu o papel de agressora. Para o tema, o húngaro Sándor Ferenczi foi trazido por meio de sua inovadora teoria da traumatogênese, aprofundando o caráter fundamental do aspecto relacional para se pensar a subjetividade humana. Nesse sentido, a obra cinematográfica analisada trouxe materiais que ilustram as propostas do psicanalista acerca do trauma, em que a falta de reconhecimento do ocorrido por terceiros, denominado de desmentido, pode levar a uma fragmentação psíquica do agredido, com consequências como a cisão, a identificação com o agressor e uma incipiente capacidade de lidar com novas situações de angústia, de luto e da ressignificação de objetos e de si mesmo (Kupermann, 2022).

Em contribuições mais contemporâneas da psicanálise sobre abusos sexuais na infância, Anne

Alvarez (2020) salienta que, para que a criança se lembre da agressão vivida de maneira segura, é preciso encontrar um objeto não abusivo a partir da construção de um mundo não abusivo, em que, sobretudo, devem ser respeitados os movimentos de integração e de latência do sujeito, que ocorrerão em seu próprio ritmo. Esses pontos também puderam ser observados no filme, nas oscilações dos movimentos de esquecimento ou rememoração por parte de Charlie em relação às memórias do abuso vivido por ele na infância. Tal processo de integração e elaboração desses fragmentos do trauma sexual na infância são sustentados com base em relacionamentos que possibilitam esse movimento que, apesar de lento, não pode ser acelerado. É o que, justamente, também parece ocorrer na película, considerando as mudanças que as relações interpessoais do protagonista passam ao longo da obra, em que ele se vê em uma realidade permeada por novos amigos e um menor isolamento social, ilustrando a construção de um mundo não abusivo.

Por fim, o filme, ao apresentar o percurso de Charlie, mostra, nas derradeiras cenas, um personagem que vai atravessando sofrimentos intensos que o tornam invisível a momentos que lhe dão vida e cor, transformando experiências dolorosas em dores suportáveis para continuar a ser, a se desenvolver emocionalmente e aparecer como presença no mundo. Nesse sentido, retrata a potencialidade de transformações nas formas com que o sujeito vivencia a sua realidade interna e externa, em um movimento de maior integração psíquica. Para tanto, nota-se a importância das relações objetais nesse processo, do papel de relações interpessoais acolhedoras e do reconhecimento das dores vivenciadas desde a tenra infância do sujeito. O filme parece ilustrar tais percursos de maneira delicada, quando, por fim, o protagonista declara, num tom esperançoso, a sua sensação de ser infinito.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, A. Abuso sexual infantil: a necessidade de lembrar e a necessidade de esquecer. In: _____. Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, desamparadas e que sofrem abuso. São Paulo: Blucher, p. 241-258, 2020.
- As vantagens de ser invisível. Direção de Stephen Chbosky. Estados Unidos: Lionsgate, 2012.
- AZEVEDO, E. C. Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 21, n. 4, p. 66-77, 2001.
- CINTRA, E. M. U.; FIGUEIREDO, L. C. Melanie Klein. Estilo e pensamento. São Paulo: Escuta, 2010.
- CAROPRESO, F. Pulsão de morte e experiências precoces em Freud e Melanie Klein. Revista de Filosofia Aurora, [S.l], v.27, n.40, p. 387-408, 2015.
- FALEIROS, V. P. Abuso sexual de crianças e adolescentes: trama, drama e trauma. Serviço Social & Saúde, Campinas, v. 2, n. 1, p. 65-82, 2005.
- FERENCZI, S. Psicanálise IV - obras completas. Tradução: Álvaro Cabral. 2a ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- GONDAR, J. Ferenczi como pensador político. Cadernos de Psicanálise - CPRJ, Rio de Janeiro, v.34, n.27, p.193-210, 2012.
- KLEIN, M. Inveja e gratidão e outros ensaios (1946-63). Tradução: Belinda Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito, Octávio de Barros Salles, Maria Tereza Godoy, Viviana Starzynski, Wellington Marcos de Melo Dantas. São Paulo: Ubu Editora/Imago, 2023a.
- KLEIN, M. O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos. In: _____, Amor, culpa e reparação e outros ensaios (1921-45). Tradução André Cardoso. São Paulo, Ubu Editora/Imago, 2023b, p. 425-455.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas. Documento eletrônico. Brasília, 2018. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/consultorias/conada/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-analise-de-cenarios-e-propostas-de-politicas-publicas.pdf>
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SEGAL, H. Introdução à obra de Melanie Klein. Tradução de Júlio Castaño Guimarães. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. 2a ed. São Paulo, 2024.

[https://www.unicef.org/brazil/media/30071/file/panorama-violencia-lethal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil-v04%20\(003\).pdf.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/30071/file/panorama-violencia-lethal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil-v04%20(003).pdf.pdf)